# O conhecimento por familiaridade de Bertrand Russell - 09/03/2024

\_Mostra como a epistemologia de Russell interfere em sua teoria da  
linguagem\*\*[i]\*\*\_  
  
Hacking traz citação inicial de Russel sobre temas de linguagem (lógica do  
sujeito-predicado, significado dos nomes próprios representando entidades)  
para dizer que a metafísica se expressa por ela[ii]. Passando para a  
argumentação mais detalhada de Hacking, o autor argumenta que Russell rejeita  
a teoria das ideias dos modernos, mas postula que o conhecimento por  
familiaridade vem de objetos imediatos da experiência. Nesse sentido, o  
significado de um nome próprio é o próprio homem, aquele que nos referimos  
apontando. Hacking nos lembra que, tanto Frege quanto Russell, desconsideram a  
ideia associada ao significado, mas, se concordam que \_o nome refere\_ ,  
Russell rejeita os significados públicos (Sinn) que não sejam a própria  
referência.  
  
Tomando exemplo de Hacking, o significado do “malmequer laranja ali adiante” é  
o próprio malmequer, já “laranja” denota[iii] um universal abstrato do qual  
temos familiaridade (acquaintance). Esses universais são representados pelas  
palavras do dicionário e se enquadram bem a predicados, porém não a sujeitos.  
Por exemplo, “a montanha dourada” seria para Russell um objeto mental  
independente. Esse objeto, assim como números ou os deuses homéricos devem ser  
de um certo tipo para que possamos usá-los em proposições. Reparemos que nem  
todos esses “seres” “existem”. Mas, em “On Denoting”, ele dirá que não há  
referência, nesses casos. E Hacking evoca as famosas paráfrases: “Não é o caso  
que alguma coisa seja uma montanha dourada” não se refere a algo e “a montanha  
dourada não existe” que parece ter o mesmo significado só aparentemente tem a  
forma sujeito-predicado, mas logicamente quer dizer “Não é o caso que alguma  
coisa seja uma montanha dourada”. Assim como o famoso “atual rei da França”  
que é uma descrição que pretende denotar um indivíduo como “o malmequer” de  
fato denota. São as descrições definidas do tipo “o F” que parecem um sujeito  
gramatical, mas se comprovam sujeitos lógicos passando pela análise “o F é G”.  
  
Sobre Stalin, Russell usa esse nome próprio significativamente como bom  
referencialista, mas fundamentalmente por sua epistemologia, por tê-lo  
conhecido. Nós, que não o conhecemos, precisamos de uma descrição definida de  
Stalin para nos comunicarmos, já que não temos o objeto imediato. A descrição  
definida significa o nome próprio e cada pessoa pode ter uma. Aí “Stalin”, uma  
palavra, pode ter diferentes significados e é pela ambuiguidade que nos  
comunicamos. Conforme Russell, “Seria completa e inacreditavelmente  
inconveniente ter uma linguagem não ambígua” (p. 80). Hacking destaca que a  
epistemologia de Russell leva sua teoria referencial a ter significados  
essencialmente privados. Mas Hacking insiste que uma teoria do significado é  
sobre o que é público, aquilo que Frege chamou Sinn e que permite nossa  
comunicação. Já a teoria de Russell depende da ambiguidade. E o mais irônico é  
que o idealista Locke reconhecia a aceitação comum dos termos.  
  
Ora, na visão russelliana, nos referimos apenas a objetos imediatos, porém  
eles ficam restritos a nós como nomes próprios, uma vez comunicados são  
descrições que podem conter erros. E tal visão soa como contrassenso, já que  
aproxima Russell de Berkeley, problematicamente no ponto em que Russell  
fundamenta o conhecimento na “consciência distinta”. Mais do que isso, ao  
falarmos de um giz, conforme exemplo que Hacking tira de Russell, não falamos  
do objeto físico, mas do dado sensorial: “um isto”. E, conforme Hacking: “a  
palavra isto pode ser usada como um nome próprio”. É um nome que se dá a algo  
que estamos familiarizados no momento, é um nome próprio que é ambíguo porque  
pode não significar a mesma coisa em diferentes momentos.  
  
Se parece que um nome próprio é usado significativamente por representar uma  
entidade, nessa teoria da linguagem não existe tal entidade, mas construções  
lógicas a partir delas, todas as vezes que dizemos “isto”. E, se uma expressão  
significa o que denota, poucas expressões têm significado por dependerem de  
estarmos familiarizados com a referência. Aqui, não há sentido fregeano. Por  
outro lado, Strawson sustenta que a linguagem depende de dizermos as coisas  
sobre corpos existentes (em “Individuals”). De toda forma, Russell se livra da  
ontologia substância-atributo. O uso de quantificadores na teoria das  
descrições elimina os sujeitos das sentenças[iv]. Isso pode significar que tal  
metafísica é um artefato da linguagem, não da realidade. Mas, por mais que  
pudéssemos seguir pelo caminho da metafísica de Strawson, Hacking se fiará na  
“forma lógica” proposta por Russell como sustentáculo da forma gramatical.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento do sétimo capítulo de \_Por que a linguagem interessa à  
filosofia?\_ São Paulo: Editora Unesp, 1999. Ian Hacking. Esse capítulo é bem  
denso porque supõe conhecimentos já explorados nesse blog, como as teorias da  
linguagem de Frege e Russell assim como uma compreensão da teoria das ideias  
dos modernos.  
  
[ii] Se na matemática Russell parece crer que os fundamentos se explicam pelas  
conclusões, em sua epistemologia, seguindo caminho semelhante, a natureza do  
conhecimento vem dos sentidos.  
  
[iii] Diferente do que se pensou em grande medida de Aristóteles em diante,  
conforme Hacking.  
  
[iv] Quine terá aprofundado isso em Palavra e Objeto, conforme Hacking.